

1999). Tal condição da disseminação da ciência pressupõe diferentes contratos de comunicação, com interlocutores específicos como destinatários e destinatários em um e outro campo, reservando-se um espaço singular para a Divulgação Científica Midiática (DCM).

Um gênero de frequente utilização na DCM é o infográfico. Este se caracteriza como um texto sincrético, pois resulta da aplicação de uma técnica simultânea de linguagens (HJELMSLEV, 1971), neste caso, palavra e imagem. O infográfico pode se apresentar isolado ou integrado em uma hiperestrutura. Sobre esta, Mouriquand (1997, p. 26 apud ADAM E LUGRIN, 2000, p. 3) anota: é uma “cenarização da informação que consiste em um corte de cenas distintas e sucessivas”.

Neste trabalho, objetiva-se analisar aspectos discursivo-textuais de um infográfico da DCM, parte de um *corpus*² de tese de doutorado. Para isso, assumem-se aspectos teóricos da Semiologia (CHARAUDEAU, 1992, 2008), da Linguística Textual (ADAM, 2008) e a noção de sincretismo, da Semiótica (GREIMAS, 2004; FLOCH, 1985).

2 O infográfico

Peltzer (1991) designa o infográfico como uma expressão gráfica de certa complexidade, informativa de fatos, explicativa do funcionamento de algo ou definidora de como algo é. Assim, no infográfico “A Tabela Periódica da Sustentabilidade”, é possível anotar: (i) o fim discursivo fazer compreender como é a Tabela da Sustentabilidade; (ii) o tema Sustentabilidade e emissões de CO₂ no conjunto de países do mundo, figurativizado em uma Tabela Periódica, evidenciando verbovisualmente processos descritivos que consubstanciam uma explicação.

² O projeto “O infográfico e a divulgação científica: (entre)texto e discurso”, já qualificado, é a base construída para a tese em curso. Nesse projeto, têm-se catalogadas e devidamente copiadas digital e graficamente, 14 matérias infografadas da revista “Superinteressante”; 22, da revista “Saúde! É vital” e 22 da “Mundo Estranho”. Deste conjunto de textos e investigações é que se retirou um exemplar para esta análise.

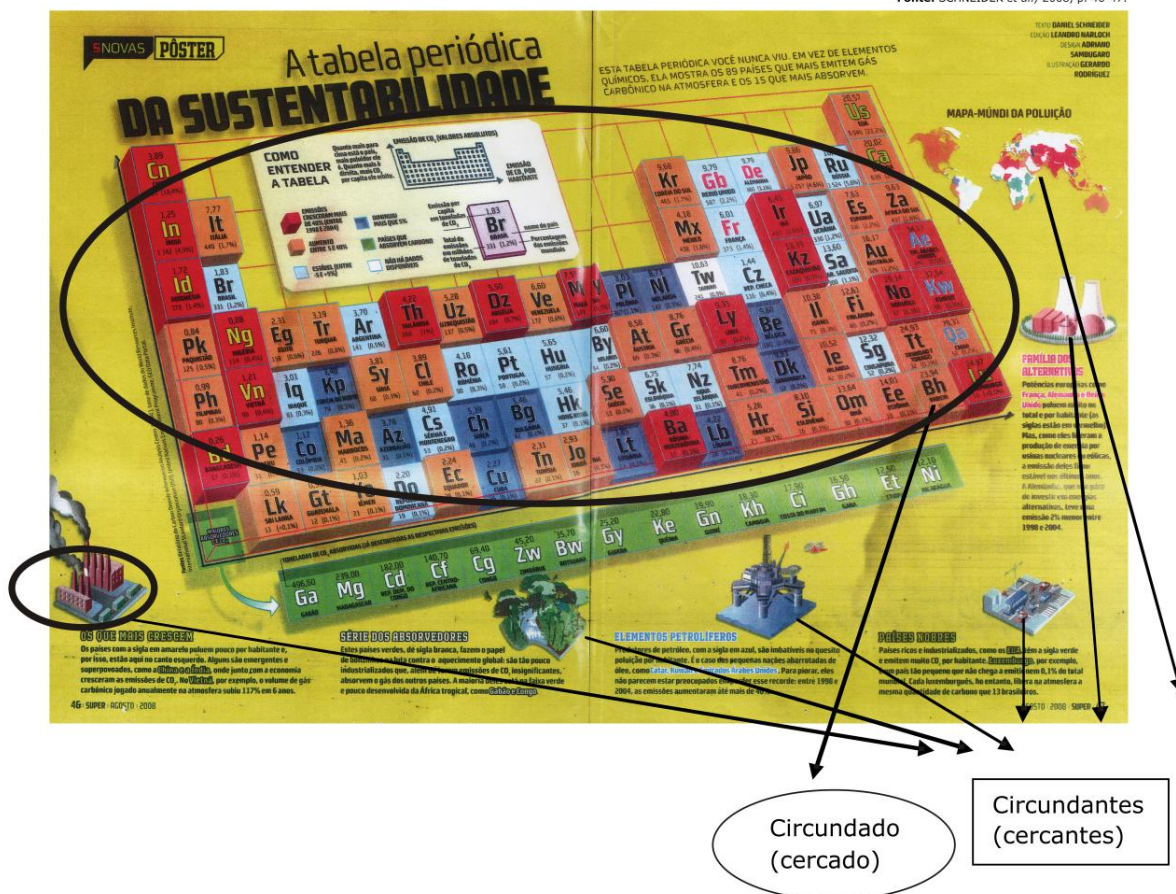


Figura 1 – A Tabela Periódica da Sustentabilidade.

Hierarquizam-se os países do mundo na figura da Tabela Periódica³ e a intertextualidade se demonstra em um texto da esfera da divulgação científica midiaticizada. Assim, encontram-se como interlocutores: a instância produtora (P) do texto (jornalista, *designer*) e a dos leitores (L), leigos interessados por temas científicos (destinatários).

O subtítulo “Esta tabela periódica você nunca viu. Em vez de elementos químicos, ela mostra os 89 países que mais emitem gás carbônico na atmosfera e os 15 que mais absorvem” (SCHNEIDER et al.,

³ A tabela periódica é um “quadro de sistematização dos elementos químicos que os distribui espacialmente em colunas e linhas por seus números atômicos, registrando nas colunas verticais as famílias ou grupos com propriedades químicas semelhantes, e nas linhas [...] horizontais os elementos com o mesmo número de níveis energéticos” (HOUAISS, 2001, p. 2653).

2008, p. 46-47), a alocação⁴, com emprego de “você”, indica que P implica L e é possível inferir que aquele calcula os pré-conhecimentos deste, evidenciando um destinatário estudante. Existe uma (co)construção de sentido quando P, investido de um poder-fazer, possuidor de um saber, comunica-o verbovisualmente a L, que deseja ou deve saber.

Grillo, Dobranski e Laplane (2004, p. 215) comentam que há

[...] textos marcados pela didaticidade, isto é, fazer saber, fazer ver, fazer que o outro compreenda, fazer de tal forma que o outro possa se apropriar de saberes novos; [...] pré-construídos sobre os quais se apoiam as esquematizações que o locutor elabora, em função da avaliação que ele faz da situação, das representações que ele tem dos destinatários, aquelas que ele dá de si próprio e aquelas que ele tem ou que ele dá do tema.

Adam (2008), nessa direção, e do ponto de vista da Linguística Textual, categoriza:

⁴ Charaudeau (1992, 2008) no modo de organização enunciativo (maneira como o sujeito que fala age na encenação do ato comunicativo) indica as funções: (i) alocutiva (a relação de influência entre o locutor e interlocutor, implicação do destinatário); (ii) elocutiva (ponto de vista do locutor-objeto); (iii) delocutiva (aparente neutralidade, retomada de terceiro; não implicação de interlocutor).

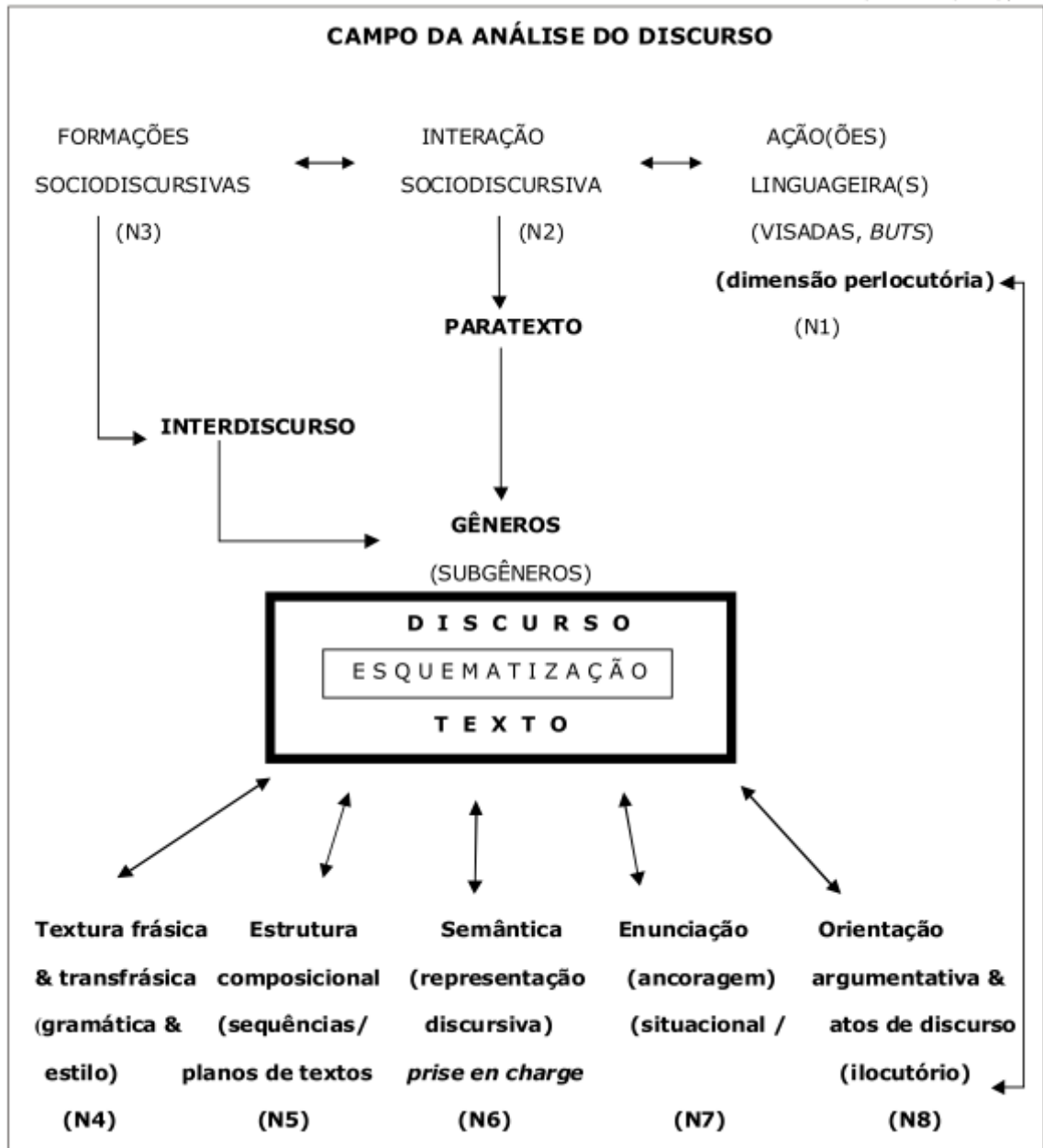


Figura 2 – Do discurso como ação ao texto.

A Figura 2 mostra uma ação visada (objetivos) (N1), orientadora da ação languageira (explicar como funciona a Tabela). Uma formação sociodiscursiva (N3), relativa às interações sociais orais ou escritas (N2), resulta em gênero (infográfico), o qual remete à Textura (N4), à Estrutura Composicional (sequências) (N5), à Semântica (N6), à Responsabilidade Enunciativa (N7), e aos atos de discurso (N8).

Os procedimentos descritivos, narrativos e explicativos contabilizados no mencionado *corpus* de infográficos indicaram

sequências (N5) (ADAM, 2001, 2008). Uma sequência, macroproposição que adquire sentido em relação a outras, constitui uma unidade hierárquica complexa sequencial relativamente autônoma. As sequências descritiva e explicativa, reconhecíveis no infográfico transcrito, servem ao fim discursivo de fazer compreender como é/funciona a Tabela da Sustentabilidade.

Verificam-se aspectos descritivos (figurativizam-se os países produtores ou absorvedores de gás carbônico e se atribuem a estes cores diferentes e adjetivações, categorizando-os, como em: "... absorvedores", verde; "... alternativos", azul claro). Assim, demarcam-se macro-operações de *tematização* (países do mundo: o CO₂ X sustentabilidade); de *aspectualização* (categorizações); de *relação* (metonímia: microlegenda sobre como entender a tabela e as correspondências denotativas de regularidades cor-significado, por exemplo. Há relação da legenda, uma parte, com a tabela periódica, o todo; e operação de *expansão* (elementos circundantes, subtematizações).

O mapeamento descritivo do texto sustenta um efeito final de explicação. Esta, teorizada por Adam (2008, p. 244), que evoca Grize (1997) assim se estrutura:

	P. explicativa 0	Esquematização inicial
Por que p?	P. explicativa 1	Problema (questão)
Porque q	P. explicativa 2	Explicação (resposta)
	P. explicativa 3	Ratificação (avaliação)

Da esquematização inicial, vem um "Por quê?, Como?". Sucedem uma resolução e uma avaliação. Coulter (1986) postula a explicação em parâmetros que levantam um problema da ordem do saber que um agente comunica a outro(s). Explicar pressupõe um paradoxo e a investigação de uma evidência. Na assimilação, há uma redução desse

paradoxo (explicar elucida) e uma explicitação dessa evidência (explicar faz compreender).

Por sua vez, Greimas (2004, p. 92), em estudos de Semiótica Plástica, cita o semissimbólico, fundamentando a hipótese teórica de objetos plásticos como objetos significantes. Tais objetos, por serem apreensíveis e interpretáveis intuitivamente, produzem efeitos de sentido, expressos em regularidades.

Desse modo, a articulação da cor vermelha, no texto em estudo, remete a emissões crescentes (mais de 40% de gás carbônico), exemplificando regularidades cores-categorias de países. Consolidam-se funções de elementos plásticos em sincronia com o verbal.

Consoante Floch (1985, p. 30), também se possibilita distinguir o topológico/topográfico, em linear e planar. Esquemáticamente, visualiza-se:

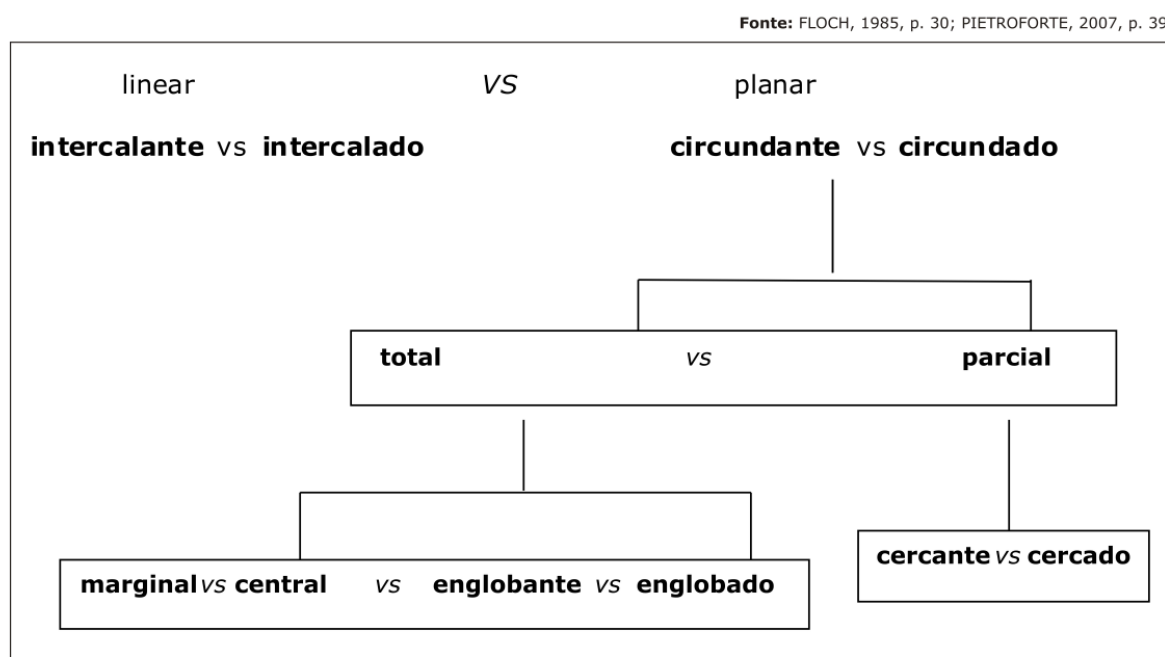


Figura 3 – Categorias plásticas: linear vs planar.

A Figura 3 oportuniza identificar no infográfico estudado mais uma relação metonímica parte-todo. Na configuração plástico-topográfica, localizam-se países (acima/abaixo) e se qualificam (mais/menos

desenvolvidos), respectivamente. Além disso, ilustrações miúdas com legendas verbais cercam a Tabela (circundante-cercante; circundada-cercada). O Mapa-Múndi orchestra esse jogo metonímico plástico-verbal (conjuntos de países X países nomeados).

A Tabela Periódica escolar remete à formação sociodiscursiva (ADAM, 2008), base das interações sociais orais ou escritas entre destinador e destinatário, hipotecando a veridicção e atestando a intertextualidade. Conhecida do destinatário, o uso dessa Tabela expressa o cálculo feito pela instância produtora para alcançar sucesso na explicação do tema sustentabilidade.

3 Palavras Finais

Sublinha-se o aprofundamento do percurso investigativo sobre o infográfico, pelo cruzamento analítico propiciado por estudos da Semiologia, da Linguística Textual e da paratextualidade sob a ótica do sincretismo semiótico desse texto da DCM. O exame possibilitou ratificar que o infográfico, com uma configuração discursivo-textual assim entendida, pode ser um gênero de utilização significativamente exitosa em ações de educação científica, nos processos de letramento verbal, visual e científico.

Referências

ADAM, J.-M. *Linguistique textuelle des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan, 1999.

ADAM, J.-M. *Les textes - types e prototypes*. 4^a ed. Paris: Nathan Université, 2001.

ADAM, J.-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues. *et. al.* São Paulo: Cortez, 2008.

ADAM, J.-M; LUGRIN, G. *L'hyperstructure: un mode privilégié de presentation des événements scientifiques?* Les carnets de Cediscor, 6, p. 133-147 (en ligne, 2000) Disponível em: <<http://cediscor.revues.org/327>>. Acesso em: 29 nov 2010.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Éducation, 1992.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

COULTIER, D. Aproxes du texte explicatif. In: PETITJEAN, A. (Coord.). *Pratiques*. França: Siege Social, n. 51, 1986, p. 4-22.

FLOCH, J.-M. *Petites Mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Paris-Amsterdam: Éditions Hadès-Benjamins, 1985.

GREIMAS, A. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, A. C. (Org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004, p. 75-96.

GRILLO, S. V. C.; DOBRANSZKY, E. A.; LAPLANE, A. L. F. Mídia impressa e educação científica: uma análise das marcas do funcionamento discursivo em três publicações. In: DOBRANSZKY, E. A. *Cultura, Ensino e Práticas Educativas Formais e Não Formais*. Campinas, v. 24, n. 63, p. 215-236, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

GRIZE, J.-B. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1997.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria del language*. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica, Editorial Gredos, 1971.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. Bolonha – Itália: Objetiva, 2001.

JACOBI, D. *La communication scientifique: discours, figures, modèles*. Saint-Martin-d'Hères (Isère): PUG, 1999.

PELTZER, G. *Jornalismo Iconográfico*. Lisboa. Planeta Editora, 1991.

PIETROFORTE, A. V. *Análise do texto visual: a construção da imagem*. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHNEIDER, D.; NARLOCH, L.; SAMBUGARO, A.; RODRIGUEZ, G. A tabela periódica da sustentabilidade. *Revista Superinteressante*, n. 255, p. 46-47, ago. 2008.

WIKIPEDIA. *Tabela periódica*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabela_peri%C3%B3dica>. Acesso em 4 jan. 2011.